

Ministério da Saúde

**FIOCRUZ**  
**Fundação Oswaldo Cruz**



Casa de  
Oswaldo Cruz

## **RELATÓRIO**

**Temporalidade dos jardins históricos do *campus* Fiocruz  
Manguinhos**

**Inventários, programa de intervenção preliminar e  
fundamentos para o desenvolvimento de Plano de Gestão  
da Conservação dos jardins**

**Separata Jardins do Pavilhão Mourisco**

***Dezembro 2015***

**PESQUISADORA:**

Inês El-Jaick Andrade

**INSTITUIÇÃO:**

Fundação Oswaldo Cruz

**DEPARTAMENTO:**

Departamento de Patrimônio Histórico – Casa de Oswaldo Cruz

**ENDEREÇO:**

Avenida Brasil, 4365 – Pavilhão Mourisco, térreo, sala 01 - Manguinhos, Rio de Janeiro  
- CEP: 21040-360

**RELATÓRIO:**

Relatório final de pesquisa - dezembro de 2015

**AGENCIA FINANCIADORA:**

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico  
Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro.  
Processo E-26/111.946/2011

Ficha catalográfica

ANDRADE, Inês El-Jaick.

Temporalidade dos jardins históricos do *campus* Fiocruz Manguinhos. Separata Jardins do Pavilhão Mourisco/ Inês El-Jaick Andrade -- Rio de Janeiro, 2015.  
22f.

Relatório Final. Departamento de Patrimônio Histórico - Casa de Oswaldo Cruz - Fundação Oswaldo Cruz.  
CNPq; FAPERJ.

1. Jardins Históricos 2. História do paisagismo 3. Preservação

I. Título

**Título:**

Temporalidade dos jardins históricos do campus Fiocruz Manguinhos

**Resumo:**

O campus Fiocruz Manguinhos é um conjunto urbano paisagístico de grande significação cultural. Entre seus atributos culturais, destaca-se no conjunto os exemplares de jardins históricos de diferentes correntes artísticas. Estes precisam ser estudados para serem corretamente protegidos. O estudo visa coletar documentação, identificar e analisar a volumetria dos jardins de interesse histórico do *campus* Fiocruz Manguinhos com o objetivo de garantir a sua autenticidade e integridade nas futuras ações de intervenção propostas pelo Departamento de Patrimônio Histórico (DPH/COC/Fiocruz). Pretende-se, a partir de um estudo minucioso, identificar os valores que se deseja preservar, pontuar as potencialidades e investigar as vulnerabilidades que os jardins estão expostos para contribuir na formulação de um Plano de Gestão da Conservação dos jardins e fundamentar o programa de intervenções dos jardins.

**Palavras-chave:** jardim histórico, metodologia, preservação, patrimônio urbano

**Objetivo geral:**

Identificar e caracterizar os repertórios paisagísticos utilizados nos jardins históricos do *campus* Fiocruz Manguinhos.

**Objetivos específicos:**

Levantar e contextualizar as sucessivas correntes estilísticas paisagísticas aplicadas no *campus* Fiocruz Manguinhos.

Contribuir para a disseminação do conhecimento sobre os atributos dos jardins históricos do *campus* Fiocruz Manguinhos.

Consolidar dentro do Núcleo de Estudos de Urbanismo e Arquitetura em Saúde do Departamento de Patrimônio Histórico (DPH/COC/FIOCRUZ) a linha de pesquisa iniciada em 2005 sobre o “Processo de formação e ocupação do *campus* de Manguinhos” e incluir nesta o estudo da categoria de jardim histórico.

## APRESENTAÇÃO

Em 2011 o Plano de Ocupação da Área Preservada (POAP) do *campus* Fiocruz Manguinhos (2011) estabeleceu entre as ações de manutenção e conservação das áreas verdes e espaços livres da Área de Preservação do *Campus* Fiocruz Manguinhos a necessidade da recuperação e recomposição dos jardins de interesse histórico, por meio de um **programa de intervenção**. Os jardins selecionados – jardins do Pavilhão Mourisco, jardim da Portaria da Avenida Brasil, jardim do Pavilhão Henrique Aragão e jardim do Pavilhão Arthur Neiva - estão associados a edificações ou conjuntos de edificações e sua preservação é encarada como uma estratégia para promover a integridade dos bens de interesse para preservação, segundo premissas consagradas internacionalmente.

Para tanto, esse programa precisa estar associado à um **Plano de Gestão da Conservação** (*Conservation Management Plan*). O desenvolvimento desse plano é importante para garantir a sustentabilidade e subsidiar as propostas do programa de intervenções e não pode estar dissociado das ações periódicas e contínuas da gestão e manutenção preventiva e corretiva nos jardins. Esse instrumento, de carácter estratégico, compreende um plano de ação fundamentado na identificação dos valores que se deseja preservar e na compreensão da vocação e significado cultural dos jardins. Por esse plano ter como princípio a multidisciplinariedade é recomendada a participação de diferentes atores em sua elaboração. Isso inclui o Departamento de Patrimônio Histórico da Casa de Oswaldo Cruz (DPH/COC/Fiocruz), da equipe do Departamento de Gestão Ambiental da Diretoria de Administração do Campus (DGA/ Dirac/Fiocruz), responsáveis pela gestão dos jardins do *campus*, e por consultores da área de arqueologia, biologia/ecologia e agronomia. Também se ressalta a necessidade de incluir na implantação do programa de intervenção um trabalho de educação patrimonial com as equipes de manutenção e gestão desse jardim.

Nessa etapa de conclusão da pesquisa, “Temporalidade dos jardins históricos do *campus* Fiocruz Manguinhos”, os dados coletados no período foram organizados em uma estrutura com o objetivo de subsidiar o Programa de Intervenção dos jardins de interesse histórico da Fiocruz, mas também definir as etapas para a formulação do Plano de Gestão da Conservação dos jardins.

Assim, o relatório da pesquisa contém um **inventário** dos quatro jardins objetos de estudo, a descrição da situação atual, desenhos paisagísticos baseados em documentação histórica, o objetivo desejado com a revitalização ou restauração justificado com base nos atributos do jardim, a indicação dos trabalhos requeridos para a sua intervenção com especificações para a sua manutenção, bem como o agrupamento das referências documentais sobre os jardins.

Cabe reforçar que as recomendações presentes no final desse trabalho são indicações de procedimentos e princípios de projeto, mas alerta-se da necessidade de recorrer a uma equipe interdisciplinar para atuar conjuntamente na elaboração de um projeto de intervenção do jardim.

## 1. INTRODUÇÃO

### **CONSTRUÇÃO DA NOÇÃO DE JARDIM HISTÓRICO**

O desenvolvimento de ações de preservação em jardins históricos é uma questão relevante para o patrimônio cultural. É, contudo, um campo recente e ainda pouco explorado. No passado brasileiro, exemplares de jardins que se encontravam na malha urbana foram perdidos ou depredados, por interesses políticos e especulativos, ou por desconhecimento dos seus administradores e do público.

A noção de Patrimônio Cultural restringia-se, inicialmente, somente aos monumentos edificados, mas a partir da segunda metade do século XX começam a se esboçar debates em relação à salvaguarda das paisagens silvestres, dos sítios e monumentos naturais (hortos, jardins, passeios, entorno das edificações e espaços verdes de centros históricos).

Os jardins começam a ser percebidos enquanto documentos culturais, artísticos e históricos de grande importância a partir da década de 1960 na Europa. No âmbito científico internacional acabam por gerar na década de 1970 e 1980 numerosos estudos publicados sobre um tema até então não discutido: a restauração em jardins históricos.

O registro e iniciativas de salvaguarda vão ser objeto de discussão em reuniões científicas de grupos de especialistas como do Conselho Internacional dos Monumentos e dos Sítios (ICOMOS) e da Federação Internacional de Arquitetos Paisagistas (IFLA). Os esforços geram a Carta de Florença (1981), a qual classifica o jardim histórico enquanto uma “composição arquitetônica e vegetal que, do ponto de vista da história ou da arte, apresenta um interesse público” (Art.1).

Em 1981, com a Carta de Florença, é então conceituada e defendida a importância da preservação dos jardins históricos: "A denominação jardim histórico aplica-se tanto aos jardins modestos quanto aos parques ordenados ou paisagísticos" (Carta de Florença, Art.6, 1981, apud CURY, 2000:254). A preocupação com o tratamento dispensado aos jardins históricos era justificada, pois eram utilizados critérios de preservação análogos aos adotados na preservação dos outros bens. Os aspectos naturais do território também não despertavam o mesmo interesse que os bens imóveis culturais.

As ações de preservação e valorização do patrimônio cultural variam consideravelmente de acordo com o contexto e os valores associados a cada monumento e seu ambiente construído. Assim, os jardins históricos são indissociáveis tanto de seu contexto histórico como do seu entorno. Os entornos que cercam o recinto interferem em sua ambiência e legibilidade. Portanto, o jardim histórico é um ecossistema em equilíbrio no qual intervenções sem critério podem causar impactos imprevisíveis ao conjunto.

No caso dos jardins históricos, esta é uma ação que envolve a busca por manter a integridade e autenticidade de um monumento vivo, logo, que convive com diferentes temporalidades.

Assim, conhecer e reconhecer essa temporalidade é fundamental para problematizar e planejar ações de conservação e restauração, o que é o propósito da presente pesquisa focada em exemplares localizados no *campus* da Fiocruz.

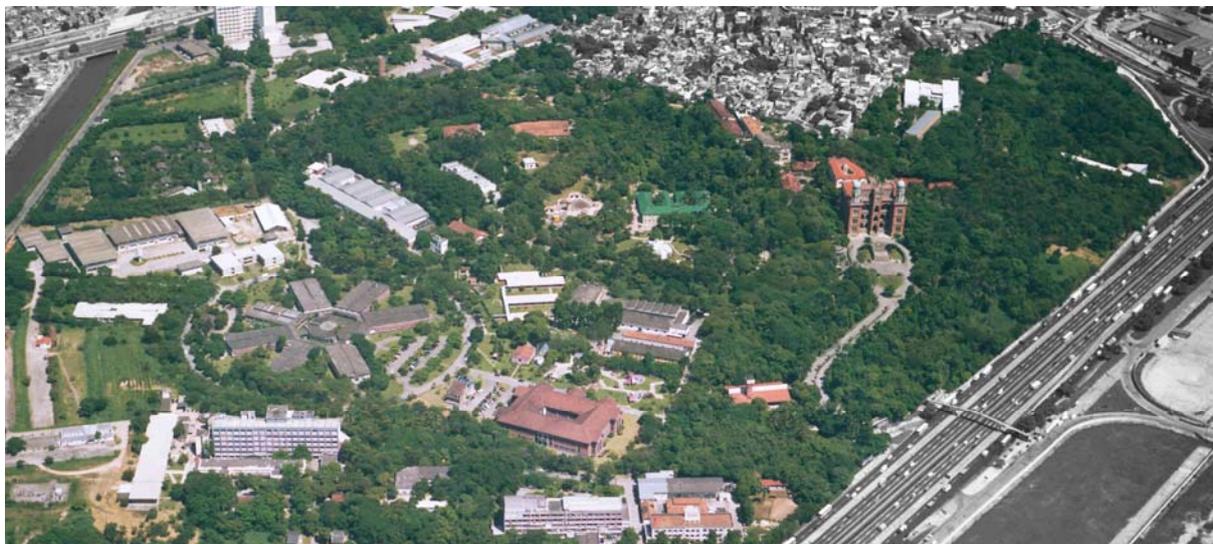


Figura 1: Vista do *campus* Fiocruz Manguinhos.  
Fonte: DAD/Fiocruz, 1990.

#### **ESTUDOS DE CASO: jardins históricos do *campus* Fiocruz Manguinhos**

O *campus* Fiocruz Manguinhos é um conjunto urbano paisagístico de grande significação cultural. A implantação do tratamento paisagístico no *campus* ocorreu pontualmente e lentamente, iniciado na década de 1920 e intensificado na década de 1980.

O sítio em que foi implantado o *campus* era uma área de colinas cercadas de terras alagadiças e com vegetação rasteira, típica de mangue. O projeto original do núcleo histórico foi concebido e edificado a partir de 1904 pelo engenheiro português Luiz Moraes Jr., sob a coordenação do médico sanitário Oswaldo Cruz. Juntamente à construção do conjunto eclético, foi implantado na década de 1920 um parque nas imediações do Pavilhão Mourisco, seguindo a linha clássico-romântica que era preponderante nas composições paisagísticas da cidade no início do século XX.

Já os jardins do entorno do Pavilhão Arthur Neiva, do entorno da Portaria da Avenida Brasil e do entorno do Pavilhão Henrique Aragão foram implantados na década de 1950. Estes são representativos por apresentarem uma nova concepção artística, oposta ao ecletismo. Mas, também pontuam um momento institucional de consolidação e expansão da área do *campus*. Com destaque, o jardim do Pavilhão Arthur Neiva, projetado pelo paisagista Roberto Burle Marx, é um exemplar de composição paisagística que se conecta diretamente, estética e funcionalmente, com a arquitetura do pavilhão destinado originalmente para os cursos de aula do Instituto Oswaldo Cruz (IOC/Fiocruz).

A densa arborização da área foi consolidada apenas na década de 1970. Até então a paisagem do *campus* era muito diferente da atual. O incentivo e o fortalecimento da demarcação do *campus* na paisagem da região culminaram em investimentos na urbanização do *campus*. E novamente o conjunto sofre grandes transformações paisagísticas, desde a pavimentação das caixas de rolamento até a criação de novos espaços verdes.

O conjunto arquitetônico eclético de Manguinhos – Pavilhão Mourisco, Cavalariças e Pavilhão do Relógio - do início do século XX foi reconhecido como patrimônio nacional em 1981 pelo

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Apesar de citado no processo de tombamento federal enquanto “pulmão verde da região”, o “parque” do conjunto não foi incluído no tombamento. Já em 2001, duas edificações modernistas – Pavilhão Arthur Neiva e Pavilhão Carlos Augusto da Silva - da metade do século XX foram reconhecidas e tombadas a nível estadual pelo Instituto do Patrimônio Cultural. No entanto, o jardim implantado no entorno do Pavilhão Arthur Neiva não foi incluído enquanto bem integrante do conjunto.

O chamado “parque” do conjunto arquitetural de Manguinhos é composto por uma sucessão de espaços verdes que incluem os exemplares identificados por essa pesquisa enquanto munidos de interesse histórico. Os exemplares, apesar de não possuírem proteção, foram incluídos em 1986 em processo de extensão de tombamento federal enquanto integrantes de uma zona de proteção rigorosa, isso é, enquanto uma área de amortecimento das edificações tombadas. Assim, seguindo a legislação cultural, qualquer intervenção no entorno dos bens tombados – e, portanto, nos jardins de interesse histórico - deveria ser submetida a apreciação dos órgãos federal e estadual de proteção cultural.

## 2. METODOLOGIA

A pesquisa desenvolvida seguiu uma metodologia fundamentada na visão documental da identificação do jardim histórico, a qual incluiu a análise das ações pelos quais o bem cultural sofreu e sofre na atualidade. Através da coleta de uma documentação variada – pesquisa histórica, pesquisa bibliográfica, informações de arquivo, pesquisa icnográfica, levantamento preliminar do potencial arqueológico, registro fotográfico, representação gráfica e análise de projetos de jardins análogos – e de um estudo da morfologia das composições, foram identificadas as vocações dos jardins. O objetivo foi compreender a sua espacialidade, identificar os atributos para serem preservados, pontuar as suas potencialidades e investigar as vulnerabilidades que os jardins estão expostos.

Para a elaboração do modelo de inventário dos jardins foram consultados exemplares nacionais e internacionais. Assim, os itens que constam no modelo escolhido foram adaptados das premissas desenvolvidas por Carmen Añón (1989), na estrutura básica do modelo de inventário aplicado pelo arquiteto espanhol Antonio Tejedor Cabrera (1997;1999) e na estrutura do *Inventory card* desenvolvido pelo comitê Comité Internacional Científico sobre Paisagens Culturais do Conselho Internacional dos Monumentos e dos Sítios (ICOMOS) e da Federação Internacional de Arquitetos Paisagistas (IFLA) em 2006.

A formulação das premissas do programa de intervenção dos jardins, incorporadas neste documento, seguem as atuais recomendações internacionais no campo patrimonial. Já as recomendações para a redação de um plano de gestão da conservação foram baseadas nos princípios específicas para jardins e parques históricos. O objetivo e a estrutura do plano são os mesmos, seja em planos para edificações históricas ou para jardins históricos. No entanto, a forma e conteúdo apresentam distinções importantes. Assim, foram utilizadas as orientações do English Heritage (WATKINS; WRIGHT, 2007) e as recomendações desenvolvidas pela arquiteta Cláudia Brack Duarte (2012) para a elaboração de um plano de gestão em jardins e parques históricos.

### 3. INVENTÁRIOS

#### JARDINS DO PAVILHÃO MOURISCO

##### A. IDENTIFICAÇÃO E LOCALIZAÇÃO

**Outras denominações:** Jardim Leste, Oeste e Praça Pasteur; Gleba 11 - canteiros 05 e 06 (Dirac/Fiocruz)

**Endereço:** Avenida Brasil, nº 4.365, Manguinhos

**Uso:** Área de lazer contemplativo

**Área:** 21.915,00m<sup>2</sup>

**Coordenadas geográficas:** -22.874952 e -43.245216

**Autoria:** Atribuído a Luiz Moraes Junior (1868-1955). Era português nascido na cidade de Faro, uma província do Algarve, em 1968. Graduou-se em engenharia e iniciou sua vida profissional como engenheiro ferroviário, realizando pontes em estrutura metálica. Emigrou para o Brasil em 1900, a convite de um conterrâneo seu, o vigário-geral da Igreja da Penha, o padre Ricardo. Na ocasião que estava executando as obras de reestruturação e embelezamento das fachadas da igreja, conheceu no percurso de trem o cientista Oswaldo Cruz que se dirigia para o instituto em Manguinhos. Desse encontro surgiu o convite para projetar as instalações do centro científico idealizado pelo cientista.

Atuando como responsável pela elaboração do projeto do Pavilhão Mourisco do antigo Instituto Oswaldo Cruz, Luiz Moraes projetou e executou diversas edificações para a área da saúde no instituto e na cidade do Rio de Janeiro. Foi o arquiteto-engenheiro responsável pela reforma do antigo cais de desembarque e pela construção das novas edificações implantadas no IOC até o início da década de 1920.

O Jardim Oeste não fazia parte da composição implantada. Foi projetado pela equipe do Departamento de Patrimônio Histórico (DPH/COC/Fiocruz) com consultoria do arquiteto Carlos Fernando de Moura Delphim do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

**Categoria:** Jardim de acompanhamento de um conjunto edificado

**Estilo:** Composição paisagística clássico-eclética

**Período de construção:** Idealizado em 1908, iniciado em ca. 1918 e concluído em ca. 1922 (Jardim Leste e Praça Pasteur)/ 1991 (Jardim Oeste).

**Dados históricos:** Apesar da solução formal distinta, os ambientes da Praça Pasteur e do Jardim Leste fazem parte da composição espacial original atribuída a Luiz Moraes Jr, na primeira metade do século XX. A pesquisa ao acervo fotográfico do Arquivo do Departamento de Arquivo e Documentação (DAD) da COC/Fiocruz indicou que a arborização da Praça Pasteur só foi iniciada a partir da finalização do Pavilhão Mourisco (1918) e conclusão do Quinino (1919). Com a demolição da edificação da antiga cavalaria (na década de 1920) os limites da praça foram consolidados. Com a implantação da praça são plantadas aleias de árvores exóticas - oitis (*Licania tomentosa*) - contornando seu limite, junto às calçadas das edificações e aos canteiros. Aparentemente essas árvores foram plantadas entre 1915 e 1918, juntamente ao plantio de uma fileira de árvores na fachada norte do Quinino - funcionando como um limitador de espaço. Constatou-se, por foto, que nesse primeiro momento, não foram implantadas árvores junto as outras calçadas do Quinino e do Pavilhão Mourisco. Já ao longo da década de 1920, as fachadas oeste e norte do Pavilhão Mourisco passam a receber aleias de árvores exóticas do tipo figueiras (*Ficus microcarpa*). Com a expansão institucional o conjunto de árvores da fachada norte do Quinino foram sendo perdidas. Na década de 1940, a fachada leste do Quinino ainda não apresentava exemplares arbóreos. Posteriormente, as fachadas norte e leste dessa edificação passam a receber arborização junto a sua calçada. Com a abertura de uma alameda de acesso do Pavilhão Mourisco a nova portaria da Av. Brasil (1939-1946) - Alameda das Rosas - a composição do jardim leste também perdeu parte um trecho de seus canteiros periféricos, que emolduravam a baía, e aumentou a sua área ajardinada. O conjunto formado pela balaustrada, rampas e escadaria do Jardim Leste faziam parte da composição original idealizada em projeto em 1917 assinado por Luiz Moraes Jr. e executado no final da década de 1910. Inclusive, já consta nesse mesmo projeto o busto em homenagem a Oswaldo Cruz (falecido em fevereiro de 1917) localizado no canteiro central da fachada principal do Pavilhão Mourisco. Um grupo de vasos de cimento decorados com nervuras foi acrescido posteriormente ao conjunto de balaustrada do Jardim Leste. A pesquisa no acervo fotográfico do DAD/COC indicou que essa intervenção

tenha ocorrido na década de 1940. Em pesquisa ao arquivo do DAD/Fiocruz, foi possível identificar duas versões de traçado paisagístico desenhados por Moraes, uma de 1905 e outra de 1907. As mudanças são singelas - proporção e padrão de parterres -, no entanto destaca-se na primeira versão o desenho de um pequeno jardim a oeste do Pavilhão Mourisco, nos fundos da edificação. Apesar de seguir linhas sinuosas, o traçado do canteiro central é uma versão formal simplificada do projeto original conjunto de parterres geométrizado que formavam o projeto original de 1908. Em 1991 um novo jardim em parterres foi introduzido, o Jardim Oeste, elaborado pela equipe do Departamento de Patrimônio Histórico (DPH/COC/Fiocruz) com consultoria do arquiteto Carlos Fernando de Moura Delphim, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Este jardim é inspirado no desenho de Moraes de 1905 e segue a proporção dos parterres de seu projeto.

## B. DESCRIÇÃO

**Traçado:** O projeto obedece às linhas clássicas de composição do ecletismo, embora também apresente elementos do repertório romântico. O trecho central do Jardim Leste é uma variação da tríade eclética clássica - traçado em cruz com estar central como ponto focal e passeios adjacentes -, pontuada por caminhos periféricos sinuosos. Já a Praça Pasteur apresenta um traçado geométrico axial e regular. Na elaboração do projeto do Jardim Oeste, a equipe do DPH/COC tirou partido do desenho de Moraes de 1905, o qual apresentava um jardim em parterres geométricos nos fundos do Pavilhão Mourisco. A proporção dos parterres foi mantida seguindo a planta.

**Elementos arquitetônicos e ornamentais:** O conjunto paisagístico está situado em um maciço e emoldura as principais edificações no Núcleo Histórico e Arquitetônico de Manguinhos (NHAM), o Pavilhão Mourisco, o Pavilhão da Peste, a Cavalaria e o Quinino.

A composição original possui seus dois espaços verdes - o Jardim Leste e a Praça Pasteur - unidos por um conjunto de escadas e rampas. Um muro histórico em pedras sustenta o platô em que se localiza o conjunto edificado do NAHM e da Praça Pasteur.

No jardim Leste, os caminhos são sinuosos e com proporções compatíveis a duas faixas de rolamento. A Praça Pasteur possui passeios amplos, mas a área pavimentada é desnivelada em decorrência da ação das raízes das árvores que formam as suas alamedas. Destaca-se que a sua pavimentação original era em terra batida. Atualmente são usados paralelepípedos (Jardim Oeste) e lajota sextavada de concreto ou blokrete (Praça Pasteur e Jardim Leste) como pavimentos.

O sítio do jardim não possui corpos de água naturais, proveniente de acidentes geográficos. O uso de fontes de água artificial não é um aspecto presente no jardim. O sítio possui uma rede centenária de galerias de águas pluviais, bem como do esgotamento (das edificações da Cavalaria, do Relógio e do Aquário). Através da pesquisa iconográfica foi possível identificar uma área de interesse para pesquisa arqueológica. Em um dos canteiros do jardim frontal é possível identificar um tratamento diferenciado no centro de sua superfície gramada. Supõe-se que poderia ser um parterre com folhagens ou mesmo um espelho de água. Apenas pesquisas mais aprofundadas e escavações poderão confirmar a permanência desse elemento.

A composição paisagística original não previa bancos de jardim ou outro tipo de mobiliário. No decorrer dos anos bancos foram implantados na Praça Pasteur, bem como latas de lixo, orelhões e um bebedouro. Novos bancos foram localizados na lateral e possuem um design sóbrio. Existe uma demanda crescente por outros mobiliários e por placas de sinalização. O projeto do conjunto de escadas e rampas projetados por Moraes em 1917, já previa a implantação do busto em homenagem a Oswaldo Cruz no Jardim Leste. Outras esculturas foram introduzidas posteriormente nesse jardim: o busto em homenagem a Carlos Chagas (década de 1930) e a escultura de Sergio Arouca (década de 2000). Na Praça Pasteur também foram introduzidos outros elementos ornamentais posteriores: um busto em homenagem ao médico francês Louis Pasteur ("*Le savoir est la patrimoine de la humanité*" Louis Pasteur 1822-1895) e uma placa do governo militar em 1977 para registrar a cerimônia comemorativa do Programa de Recuperação da Fiocruz, cuja uma das iniciativas foi a inauguração da Casa Amarela.

Muitas redes (iluminação e gás) foram implantadas no terreno, sem considerar a rede histórica preexistente: como as galerias de águas pluviais. Entre 2014 e 2015 foi realizada uma revisão do projeto de iluminação monumental para o Pavilhão Mourisco pelo DPH/COC, mas o conjunto da balaustrada e dos muros históricos não foram contemplados.

**Elementos vegetais:** A composição dos três jardins possui um elenco vegetal variado: uso tanto de canteiros sinuosos como de canteiros regulares e emprego de uma arborização densa nas periferias (bosques) em oposição a trechos de arborização pontuada. No projeto, disponível no Arquivo do Departamento de Arquivo e Documentação (DAD) da Fiocruz, não foi identificado qualquer indicação das espécies botânicas que seriam implantadas. A pesquisa iconográfica revelou que no Jardim Leste ocorreu o reaproveitamento de indivíduos vegetais nativos (palmeiras). Uma breve comparação entre o estado atual e fotografias mais antigas (ca.1920), é possível perceber o emprego de forrações com coloração distintas, plantas arbustivas e arborização de grande porte, composta por espécies da mata tropical nativa e exótica (mangueiras, palmeiras e oitizeiros). No conjunto de aleias da Praça Pasteur foram introduzidas posteriormente duas amendoeiras (*Terminalia catappa*), substituindo exemplares de oitis (*Licania tomentosa*). Já no final da década de 1990, foram introduzidos indivíduos de pau-brasil (*Caesalpinia echinata*) substituindo os oitis originais na aleia próxima da Cavalaria.

Na elaboração do projeto do Jardim Oeste, a equipe do DPH/COC tirou partido do desenho de Moraes de 1905, o qual apresentava um jardim em parterres geométricos nos fundos do Pavilhão Mourisco. A proporção dos parterres foi mantida seguindo a planta. No entanto, não havia indicação de Moraes das espécies botânicas. Sob a consultoria do arquiteto Carlos Fernando de Moura Delphim, do IPHAN, espécies herbáceas compatíveis ao gosto de época (década de 1920) foram introduzidas – *alternanthera vermelha*, *alternanthera verde* e bermuda grass. Posteriormente, a forração arbustiva do jardim Oeste foi substituída por um conjunto compacto de exorais (*Ixora chinensis*). Essas alteraram a proporção e o volume sugeridos pelo projeto de 1991, pois, por sua altura arbustiva atingir um metro e meio, acabam por obstruir a visão do Pavilhão Mourisco.

O traçado do jardim frontal também sofreu alteração, perdendo parte do aspecto do seu canteiro central. Com a abertura de uma alameda de acesso do Pavilhão Mourisco a nova portaria da Av. Brasil (1939-1946) também perdeu parte um trecho de seus canteiros periféricos, que emolduravam a baía, e aumentou a sua área ajardinada. Nos dois canteiros configurados pelo conjunto das rampas e escadas, exemplares de palmeiras - supostamente palmeiras imperiais - foram substituídas na década de 1930 por outros indivíduos arbóreos que tiveram seu crescimento vigoroso. Na década de 1970 esses exemplares são substituídos por dois exemplares de palmeiras imperiais (*Roystonea oleracea*).

**Espécies arbóreas significativas:** Palmeiras imperiais (*Roystonea oleracea*); oitizeiros (*Licania tomentosa*); pau-brasil (*Caesalpinia echinata*); figueiras (*Ficus microcarpa*).

**Fauna:** Podem ser observados pássaros, insetos variados e pequenos mamíferos (cachorros, gatos, ratos e morcegos). Segundo levantamento realizado no final da década de 1990 (CHACEL: 1996) a área do *campus* Fiocruz Manguinhos abrigava aves (gavião-carrapateiro; maritaca; gavião-carijó; sabiá-laranjeira; tico-tico; bem-ti-vi; tiê-sangue; sanhaço; beija-flor; cambacica; cambaxirra; rolinha; pardal; trinca-ferro; bico-de-lacre; siriri; tizil; canário da terra; coleiro; avinhado/curió; viuvinha; e coruja-buraqueira), répteis (conra limpa campo; calango; teju; lagartixa; e anfisbena), anfíbios (sapo; e rã) e mamíferos (gambá; morcego; sagui; e rato).

## C. CONSERVAÇÃO E ATRIBUTOS

### Conservação:

Muitas espécies foram introduzidas ao longo dos anos através da ação pontual da administração institucional e, principalmente, pela intervenção a critério da comunidade – jardineiros, cientistas e funcionários da instituição. As manchas coloridas de forrações e folhagens dos canteiros sinuosos, originais, foram alteradas e o seu desenho perdido. Da mesma maneira, novas árvores foram plantadas e muitos exemplares originais não foram substituídos com a morte do indivíduo. Muitas não possuem volume, textura ou cor compatível com os exemplares originais. Isso acarreta em uma alteração na espacialidade do jardim, principalmente por criar anteparos e não respeitar as visuais. A superfície pavimentada da Praça Pasteur possui um desnivelamento irregular devido as raízes das árvores, que formam as alamedas do espaço. O uso como estacionamento no Jardim Leste é intenso. Os veículos ocupam vagas na periferia dos canteiros e representam obstáculos visuais temporários à circulação e apreensão do espaço verde. Já na Praça Pasteur, o estacionamento é controlado. A princípio, a área verde seria aberta para carga e descarga, mas observa-se um aumento do número de motos e carros de passeio que circulam em velocidade inadequado. Muitos eventos comemorativos da Fiocruz e da ASFOC

ocorrerem na área da Praça Pasteur e do Jardim Leste. Esses eventos não levam em consideração a capacidade de carga do local (limite de público, lixo e fluxos). Inclusive, a vegetação do espaço não é objeto de proteção contra pisoteio e depredação.

**Atributos:** Valor histórico e artístico.

Entorno de bem tombado federal. Bem de interesse para preservação reconhecido pelo DPH como jardim histórico.

**Elementos característicos:** Desníveis e traçado dos caminhos e canteiros do Jardim Leste, do Jardim Oeste e da Praça Pasteur; muro, muretas e guarda-corpos da escadaria e das rampas com a utilização de balaústres.

**Observações:** Muitos eventos comemorativos - festas, feiras e shows de música - da Presidência/Fiocruz e do Sindicato dos Servidores da Fundação Oswaldo Cruz/ASFOC ocorrem na área da Praça Pasteur e do Jardim Leste. A demanda pelo espaço justifica-se devido a presença do Pavilhão Mourisco, imagem símbolo da Fiocruz.

É também possível observar na escolha dos novos exemplares arbóreos a predileção por espécies frutíferas – mangueiras, mamoeiros, etc.

#### 4. DIRETRIZES DE INTERVENÇÃO: JUSTIFICATIVA E IDENTIFICAÇÃO DOS ATRIBUTOS A SEREM MANTIDOS

##### 4.1 Intervenções propostas

A Carta de Florença (1981) estabelece os quatro trabalhos possíveis em jardins históricos como sendo a manutenção, a conservação, o restauro e a reconstrução. O documento traz uma distinção dos limites dos trabalhos de restauro e de reconstrução.

*Artigo 16.*

*O trabalho de restauro deve respeitar as sucessivas fases da evolução do jardim em questão. Em princípio, não se deve dar precedência a nenhum período sobre outro, exceto em casos excepcionais, quando o grau de destruição e de danos que afetam algumas partes de um jardim sejam tais que seja decidido reconstruírem-se essas partes, com base nos vestígios que sobreviveram ou em evidências documentais indiscutíveis. Esse trabalho de reconstrução pode ser executado, especialmente, nas partes do jardim situadas mais perto do edifício nele contido, para se fazer sobressair o significado dessas partes do conjunto.*

*Artigo 17.*

*Quando um jardim tiver desaparecido completamente, ou quando não existirem mais do que evidências conjecturais sobre as suas sucessivas fases, não pode ser considerada uma sua reconstrução como sendo um jardim histórico (Carta de Florença, 1981. Apud. CURY, 2000).*

No documento nacional da Carta de Juiz de Fora (2010), que traz recomendações de preservação de jardins históricos no caso brasileiro, são identificados quatro tipos básicos de intervenções em jardins: a revitalização, a restituição (substituindo o termo reconstrução), a restauração e a manutenção. Esses tipos, apesar de distintos, podem ser complementares.

No documento nacional o termo **revitalização** é definido enquanto “[...] a reutilização de um bem cultural e sua adaptação a novos usos, observando aquilo que lhe é essencial” (Carta de Juiz de Fora, 2010:10). Já o termo **restituição** é “[...] o conjunto de operações que visam a recuperar as condições originais do bem cultural e do espírito de uma época, o que se pode

obter mediante a remoção de partes espúrias ou reconstituição de elementos supostamente originais degradados ou que estejam faltando” (Carta de Juiz de Fora, 2010:10), através de documentação sólida e minuciosa. A **restauração** é encarada enquanto uma ação que “[...] visa garantir a unidade e permanência no tempo dos valores que caracterizam o conjunto, por meios e procedimentos ordinários e extraordinários” (Carta de Juiz de Fora, 2010:10). Finalmente, a **manutenção** é apresentada enquanto uma ação sistemática que “[...] permite a proteção contínua da substância, do conteúdo e do entorno de um bem” (Carta de Juiz de Fora, 2010:10).

No caso dos jardins de interesse histórico do *campus* Fiocruz Mangueiras, as intervenções seguem duas propostas distintas:

- **Restauração do jardim** – Jardins do Pavilhão Mourisco e Jardim do Pavilhão Henrique Aragão
- **Revitalização do jardim** – Jardim da Portaria da Av. Brasil e Jardim do Pavilhão Arthur Neiva

A intervenção do tipo restauração para jardins do Pavilhão Mourisco e do Pavilhão Henrique Aragão está fundamentada no resultado da investigação dessa pesquisa, a qual reuniu documentação detalhada e suficiente para determinar e caracterizar os jardins.

Já nos exemplares dos jardins da Portaria da Av. Brasil e do Pavilhão Arthur Neiva, a documentação disponível recolhida foi julgada pouco precisa para subsidiar um trabalho de restituição desses exemplares, assim, assume-se a intervenção do tipo revitalização.

No caso específico do Jardim do Pavilhão Arthur Neiva, foi possível recorrer ao estudo de fotografias antigas e o estudo comparativo de outros jardins análogos – Jardins do Instituto de Puericultura (1952) e do Hospital da Lagoa (1955) - desenvolvidos pelo mesmo autor em épocas próximas. Já no Jardim da Avenida Brasil, a pesquisa conseguiu apenas localizar um desenho em perspectiva. Este desenho serviu como base para o estudo da intervenção.

Por isso, as intervenções propostas não se configuram enquanto um restauro, pois poucos são os exemplares vegetais que permaneceram. Mas, ainda assim, o traçado básico dessas composições permanece. Sendo, então, possível empreender uma revitalização desses jardins históricos.

A revitalização tem como proposta a reutilização do espaço com base no restabelecimento da unidade essencial desses dois jardins. Considerando que as lacunas em jardins são interrupções de uma continuidade física e simbólica (FONSECA; PINHEIRO; BARTALINI, 2014) torna-se imperioso o preenchimento das lacunas da composição, mas sem a presunção de reconstituir sua substância original. Assim, reconhece-se que grande parte da matéria vegetal original foi perdida e que um novo tratamento – distinguível e contemporâneo – deve ser dado no preenchimento dessas lacunas.

#### 4.2 Diretrizes gerais para as intervenções dos jardins

- Respeitar o traçado e a espacialidade existentes: o traçado é encarado como o principal articulador da leitura da espacialidade do jardim.
- Harmonizar as diferentes camadas de tempo: as sobreposições e os elementos adicionais são testemunhos dos momentos pelos quais o bem patrimonial passou, e que a sua

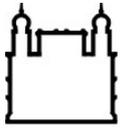
permanência ou supressão devem ser alvo de estudos que os identifiquem e que reconheçam seus valores culturais.

- Evitar dissonâncias: em intervenções em que se verifique a necessidade de acrescentar partes que faltam ao jardim, que existiram no passado, é o caso de serem escolhidos os materiais e formas originais do passado, de maneira a diferenciá-los dos originais. As intervenções não devem competir com os bens protegidos, mas colaborar para sua valorização.

#### 4.3 Diretrizes específicas para as intervenções dos jardins

- **Jardim do Pavilhão Mourisco**

Identificação dos elementos essenciais dos jardins:
<ul style="list-style-type: none"><li>• Composição arquitetural das massas vegetais - suas essências, volumes, jogo de cor, espaçamentos e alturas respectivas;</li><li>• Traçado dos caminhos e formato dos canteiros do Jardim Leste, do Jardim Oeste e da Praça Pasteur;</li><li>• Composição de muro, muretas e guarda-corpos da escadaria e das rampas com a utilização de balaústres;</li><li>• Diferentes perfis do terreno;</li><li>• Galeria de águas pluviais subterrânea que percorre a praça e o muro;</li><li>• Visuais de interesse.</li></ul>
Diretrizes específicas:
<ul style="list-style-type: none"><li>• Manter os parâmetros formais próprios da composição – harmonia, contraste de texturas, equilíbrio, ênfase, sequência e escala.</li><li>• Restringir o uso de estacionamento aos canteiros periféricos da composição original.</li><li>• Manter os conjuntos arbóreos e arbustivos originais da composição da Praça Pasteur: cicas e oitizeiros.</li><li>• Monitorar as raízes das árvores e fundamentar qualquer proposta de retirada na avaliação do estado fitossanitário da espécie e nas consequências para a estabilidade das estruturas arquitetônicas das edificações.</li><li>• Garantir o replantio do elenco vegetal original existente da composição, sendo que a substituição ou retirada só é recomendada no caso do exemplar afetar comprovadamente o conjunto edificado ou as instalações edilícias. Um relatório deve ser gerado para especificar os riscos.</li></ul>
Justificativa da intervenção proposta:
A proposta de intervenção nos jardins do Pavilhão Mourisco é de restauro. Esse exemplar, apesar de não ter sido localizada planta com identificação de espécies, foi amplamente registrado por fotografias de época.
Proposta preliminar por zoneamento:
<ul style="list-style-type: none"><li>• Setor 01 - Jardim Leste Opção pelo replantio de herbáceas nativas (<i>Canna indica</i>) de flores vistosas e cores variadas e o replantio de gramado (<i>Axonopus compressus</i>), nos canteiros formados entre o conjunto de rampas e escada. Garantir a permanência dos dois exemplares de palmeiras e da trepadeira (<i>Hedera canariensis</i>) e uso de pedriscos para formar separadores entre os exemplares e nas golas das palmeiras existentes. No canteiro que recebe o busto de Oswaldo Cruz a opção é reconstituir o desenho com o uso</li></ul>



intercalado de flores e gramado (*Axonopus compressus*). Uma vez que não se conseguiu a referência da espécie de flores utilizadas nesse canteiro originalmente, recomenda-se o uso de exemplar nativo. No canteiro central, por ter sofrido muitas alterações em sua configuração, recomenda-se a manutenção do seu traçado atual com a retirada dos dois exemplares de azaleias que pontuam as extremidades do canteiro, por tais exemplares apresentarem um volume que compromete a intenção original da composição. Recomenda-se, para esse canteiro, a manutenção da superfície gramada e a introdução de nova mancha de forração com a introdução de canteiro de flores (espécie nativa). Também se recomenda a permanência dos bustos de Carlos Chagas e de Sergio Arouca, no entanto, não se considera adequado a introdução de novos monumentos ou placas comemorativas nesse eixo central da composição.

Nos canteiros laterais do jardim a ação recomendada é a limpeza e retirada de troncos mortos de árvores, podendo ser introduzido exemplares isolados de piteiras (*Furcraea foetida* e/ou *Agave americana*). Recomenda-se a poda dos exemplares arbóreos que avançam sob a caixa de rua. Os exemplares mortos devem ser substituídos por palmeiras ornamentais entouceiradas de médio (*Dypsis lutescens*) e pequeno porte (*Licuala grandis*). As de médio porte devem sempre pontuar os canteiros, deixando o interior livre. Nos canteiros laterais mais afastados do canteiro central, as zonas sombreadas devem receber forração baixa e de cor verde escura (*Calathea lancifolia*). Já nos canteiros laterais mais próximos, cujo adensamento de árvores permita zonas ensolaradas, recomenda-se o uso de gramado (*Axonopus compressus*).

- Setor 02- Jardim Oeste

Opção pela restituição do desenho dos parterres e do replantio com as espécies de forração originalmente especificada no projeto de 1991: *Alternanthera sessilis* (vermelha e verde) e *Bermuda grass*.

- Setor 03 - Praça Pasteur

Opção por manter o conjunto de arbustos semilenhosos no canteiro central (*Cycas circinalis*), com a previsão de introdução de novos exemplares seguindo o eixo dos existentes. A retirada da composição desse conjunto, ou mesmo o seu deslocamento, não é recomendado. Deve-se manter o conjunto arbóreo que forma as alamedas, sendo a sua retirada somente recomendada após um estudo fitossanitário criterioso que comprove a degradação do exemplar e uma análise que indique o alto risco de dano ao conjunto edificado. As árvores da alameda comprometidas ou já ausentes do traçado original, devem ser substituídas por outras de arquitetura arbórea semelhante aos exemplares originais de *Licania tomentosa*, mas com raízes profundas. Antes de seu plantio, deve-se realizar um projeto de contenção das raízes para evitar o comprometimento das estruturas arquitetônicas das edificações.

- Setor 04 - Trecho contínuo da composição principal do Jardim Leste.

A zona integra visualmente a massa verde do maciço do NAHM e emoldura o Pavilhão Mourisco. Opção por manter o tratamento de jardim rústico com utilização de espécies presentes no Horto da Fiocruz.

- Setor 05 - Jardim da Procuradoria - Área de amortecimento

A zona é composta, principalmente, por arbustos baixos que configuram passeios que conduzem os usuários para o prédio da Procuradoria ou para o Pavilhão Carlos Chagas. Apesar de afastada e em nível levemente acentuado, interfere na ambiência da Praça Pasteur. Opção por enterrar o cabeamento elétrico, próximo dos exemplares arbóreos, e de inserir novo elenco vegetal, espécies nativas presentes no Horto da Fiocruz, com o objetivo de criar uma barreira vegetal para amenizar o impacto visual da edificação da Procuradoria, bem como destacar o vestígio de muro de interesse histórico.

- Setor 06 – Trecho contínuo da composição principal da Praça Pasteur - Área de amortecimento

A zona apresenta um acentuado desnível do terreno e é coberta por forragem exuberante e pontuada por exemplares arbóreos nas bordas do canteiro. Desempenha também um importante papel de amortecimento – barreira física e visual - da Praça Pasteur e das edificações do maciço do NAHM. Faz fronteira com o muro de pedra de valor histórico do NAHM. Opção por manter o elenco vegetal existente, pois este já se articula com o ambiente da Praça Pasteur.

Indicação dos trabalhos requeridos:

Ação 01 – Elaboração de projeto paisagístico com base nas diretrizes estabelecidas;

Parceiros: DGA/Dirac e DPH/COC

Ação 02 – Captação de recursos;

Ação 03 – Investigação arqueológica em áreas pré-determinadas em projeto;

Ação 04 – Substituição de pavimentação;

Ação 05 – Implantação de nova infraestrutura urbana (iluminação e mobiliário);

Ação 06 – Substituição de coberturas vegetais e arbustos;

Ação 07 – Programa de Educação Ambiental e Patrimonial voltado para equipe de jardinagem.

## 5. RECOMENDAÇÕES PARA A REDAÇÃO DE UM PLANO DE GESTÃO DA CONSERVAÇÃO: ATIVIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS E PARCEIROS ENVOLVIDOS

### 5.1 Estratégias de ação para a sua elaboração

- **Plano de Gestão da Conservação**

*“A Conservation Management Plan is simply a document which explains why a place is significant and how you will sustain that significance in any new use, alteration, repair or management”* (HERITAGE LOTTERY FUND, 2012:3).

O Plano de Gestão da Conservação é um conjunto de diretrizes e proposições com o objetivo de planejar e programar o monitoramento do jardim disciplinando a conservação, recuperação, o uso e ocupação do bem e de seu entorno imediato. Incluem ações que vão desde a valorização patrimonial até as indicações de intervenções, que incluem a indicação das áreas de interesse para investigações arqueológicas. Também integram o documento normas e procedimentos para a preservação dos jardins.

Assim, o estudo de cada exemplar de jardim de interesse deve contemplar (WATKINS; WRIGHT, 2007):

- a. Descrição da situação atual da área;
- b. Desenhos paisagísticos baseado em documentação histórica;
- c. Objetivo da reconstrução ou restauração justificado com base nos atributos do jardim;
- c. Identificação dos trabalhos requeridos;
- d. Manual de procedimentos para a manutenção dos espaços verdes de interesse;
- f. Referências sobre a área (fotografias, artigos).

- **Estrutura do Plano**

O Plano deve ser estruturado em quatro seções:

1. Conhecimento do lugar
2. Avaliação de significância
3. Estudos dos impactos potenciais
4. Proposta de políticas de preservação gerais e específicas

A primeira seção, intitulada “Conhecimento do lugar”, deve englobar o levantamento histórico e o estado atual do exemplar, com o objetivo de descrever e caracterizá-lo. O inventário dos jardins deve ser incorporado a essa seção.

Na segunda seção, denominada “Avaliação de significância”, deve ser avaliada identificação dos valores que se deseja preservar através da identificação dos elementos significativos historicamente que permanecem. Para essa investigação é importante compreender a vocação e significado cultural dos jardins. Assim, além da análise de especialistas da área da preservação e paisagismo, os usuários devem ser consultados através de entrevistas.

A seção seguinte, “Estudos dos impactos potenciais”, descreve os problemas (vulnerabilidades) que os exemplares estão submetidos e estuda como tais fatores podem comprometer a sua significação. Também podem ser identificadas as iniciativas em curso ou as futuras que potencialmente podem reforçar a importância do exemplar, tais como a indicação de pesquisas arqueológicas.

Finalmente, na última seção que recebe o título de “Proposta de políticas de preservação gerais e específicas”, devem ser descritos como se deverá preservar os exemplares, seja elevando os padrões de cuidado e gestão, encontrando usos mais apropriados, trabalhando dentro dos recursos disponíveis e garantindo o acesso e benefício da comunidade de usuários. Essas informações podem ser agrupadas na forma de um manual de procedimentos para a manutenção. Também essa seção deve incorporar o programa de intervenções, o qual deverá ser revisado. Destaca-se a importância das propostas de intervenção incorporadas no plano seguirem as atuais recomendações internacionais no campo patrimonial, isto é, as intervenções nos bens devem ser mínimas e reversíveis e as ações de manutenção devem ser contínuas.

- ***Grupos de trabalho para a elaboração dos procedimentos para a manutenção dos jardins de interesse histórico do campus***

No manual de procedimentos para a manutenção deve ser estabelecido e pactuado as normas de conduta dos profissionais envolvidos em sua gestão. É nesse manual que ficarão estabelecidas as diretrizes gerais e específicas das apropriações desses espaços, bem como a padronização da qualidade e variedade do mobiliário urbano (com destaque para latas de lixo, placas de sinalização postes e abrigo de resíduos) e definidos critérios e a localização para a inserção de obras de arte (esculturas e placas comemorativas) nos jardins.

À redação das políticas de preservação gerais devem ser incluídas a legislação em vigor, a filosofia da preservação empregada nos exemplares, as premissas para manter a sua significação e evitar uma futura deterioração, tendo como meta a priorização da sua conservação preventiva. O conteúdo desse item está já incluído dentro do programa de intervenções preliminar proposto por essa pesquisa.

Para elaborar as políticas específicas que devem formar o manual de procedimentos para a manutenção dos jardins, optou-se por seguir as recomendações desenvolvidas por Duarte (2012) para a elaboração de um plano de gestão em jardins e parques históricos. É recomendada a divisão em nove pontos chaves de discussão:

<b>A. VEGETAÇÃO</b> Reposição, substituição e plantio de mudas. Plantios comemorativos de espécies vegetais em locais não previstos no projeto original. Rotina de podas, rega e limpeza. Controle de pragas.
<b>B. OBRAS DE ARTE INTEGRADAS NO JARDIM</b> Mudança de localização e remoção de obras de arte. Inserção de novas obras de arte.
<b>C. INFRAESTRUTURA</b> Sistema de rega. Manutenção de equipamentos. Mobiliário urbano: padronização e manutenção. Sinalização dos espaços: padronização e manutenção. Iluminação: padronização e manutenção.
<b>D. SEGURANÇA</b> Rotina de rondas.
<b>E. FAUNA</b> Programa de incentivo a permanência da fauna silvestre.
<b>F. PESSOAL</b> Programas de capacitação da jardinagem: educação ambiental e patrimonial.
<b>G. RESÍDUOS SÓLIDOS</b> Abrigos de resíduos: dimensões e localizações.
<b>H. USOS E ATIVIDADES</b> Exposições temporárias. Eventos. Inserção de novos espaços de estar.

Programas educação ambiental e patrimonial voltados para a comunidade.

I. **ESTRUTURA DE GESTÃO**

Alternativas de novas fontes de recurso.

O teor de cada um dos nove itens poderia ser objeto de discussão por grupos de trabalho com os profissionais envolvidos na proteção e gestão desses jardins. A equipe poderia envolver profissionais não apenas de diferentes áreas, mas de unidades da Fiocruz distintas.

É importante sinalizar que metodologicamente essa etapa deveria, sempre que possível, ser realizada antes de um projeto de intervenção paisagística, no entanto, isso não exclui a sua aplicação posteriormente.

## 5.2 Gestão dos jardins históricos

Atualmente cabe ao Departamento de Gestão Ambiental da Diretoria de Administração do Campus (DGA/Dirac/Fiocruz) a tarefa de gerir todos os espaços verdes do *campus*. É fundamental que o Plano de Conservação seja elaborado em parceria pela Dirac e o Departamento de Patrimônio Histórico da Casa de Oswaldo Cruz (DPH/COC/Fiocruz).

Já existe uma rotina de trabalho por parte do DGA, mas é necessário incluir a essas as peculiaridades dos jardins históricos do *campus*. Apenas partir de um plano, construído conjuntamente, poderão ser previstos investimentos financeiros necessários para garantir a produção de mudas específicas para os jardins históricos e a promoção de ações de educação ambiental e patrimonial, tanto para a equipe da jardinagem como para a comunidade de usuários da Fiocruz.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto patrimônio cultural, os jardins históricos são classificados (segundo a Conferência Geral da UNESCO, 1972, Art. 1) como sítios derivados de "*obras do homem ou obras conjugadas do homem e da natureza*" (apud CURY, 2000:179). Um jardim, caso corretamente conservado, é visto por sucessivas gerações as quais o percebem de forma diferente da sua anterior e da sua sucessora. É que se trata de um documento cultural que se renova e se deteriora, e que com a ação humana descuidada pode comprometer o significado ou testemunho futuro.

Um jardim histórico é um bem cultural que apresenta valores estéticos, históricos, científicos e sociais, que ao longo de diferentes fases de evolução foram sofrendo transformações e adquirindo novos e dinâmicos significados para cada sociedade. Portanto, o jardim histórico deve ser interpretado enquanto paisagem cultural e, logo, como uma paisagem construída produto de um contexto político e social.

A longevidade de um determinado espaço livre urbano está diretamente vinculada à possibilidade constante de apropriação que este possui, a chamada "qualificação". Ou seja, "*quanto mais e melhor possa ser apropriado (o espaço), desde que convenientemente mantido, maior vai ser sua aceitação social e por mais tempo será mantido sua identidade morfológica*" (MACEDO, 1996:11). Considerando, porém, que as relações entre o antigo e o moderno são complexas, as metodologias aplicadas devem ser críticas e claras, embora não necessariamente idênticas. "[...] *a sobrevivência do patrimônio artístico não implica apenas questão de gosto, mas também de coexistência e de cofuncionalidade*" (ARGAN, 1998:86).

Assim, preservar um jardim adequadamente através de um plano de conservação adequado e integral traz consequências muito benéficas para o bem patrimonial. A elaboração e execução de qualquer intervenção no jardim histórico deve garantir a proteção e autenticidade do sítio cultural, de forma a prolongar a duração de sua integridade e assegurar a sua interpretação.

O presente estudo buscou considerar as sobreposições e os elementos adicionais enquanto testemunhos dos momentos pelos quais o bem patrimonial passou, e a defesa pela permanência ou supressão foi alvo de uma análise subjetiva, calcada no reconhecimento de seus atributos estéticos e simbólicos. A partir desta avaliação foram propostas as ações de intervenção com a opção pela permanência - por julgar sua introdução um enriquecimento para o bem -, ou a opção pela retirada - por julgar que sua manutenção prejudica a leitura e unidade da composição.

O estudo baseado na importância histórica e artística do patrimônio paisagístico da Fiocruz, ou seja, em sua significação cultural, contribuem para o fortalecimento da memória local e da identidade institucional. Dessa maneira, através da permanência e da autenticidade desses jardins, garante-se qualidade a esses espaços verdes tão necessários para a sociabilidade na atualidade.

## 7. AGRADECIMENTOS

Essa pesquisa contou com o apoio da FAPERJ através da concessão de Auxílio Instalação e do CNPQ através da concessão de bolsa de iniciação científica para a aluna de graduação Carla Gils Oliveira.

## 8. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ANDRADE, Inês El-Jaick. O debate sobre as áreas envoltórias dos bens tombados. Cadernos do PROARQ (UFRJ). v. 15, p. 7-18, 2010.

\_\_\_\_\_. Dimensão Ambiental da paisagem cultural: o impacto do entorno urbano nos jardins de interesse histórico. 2009. Tese. (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

\_\_\_\_\_. Construção e desconstrução do conceito de jardim histórico. Risco (São Carlos). v.8, p.138 - 144, 2008.

\_\_\_\_\_. Jardins Históricos Cariocas: significação cultural e preservação. 2004. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

ANGELIS, Bruno Luiz Domingos De; ANGELIS NETO, Generoso De. Jardins históricos: introduzindo a questão. Paisagem ambiente (São Paulo). n.19 [on line], p31-48, 2004.

AÑON, Carmen Feliú. Authenticity garden and landscape. In. UNESCO. Nara Conference on Authenticity: Unesco Worl Heritage Convention, 1994, Nara, Japan. Proceedings... Nara, Japan: UNESCO/ICCROM/ICOMOS, 1994, p. 265-269.

ARAGÃO, Henrique. Notícia Histórica sobre a Fundação do Instituto Oswaldo Cruz (Instituto de Manguinhos). Separata das Memórias do Instituto Oswaldo Cruz. Tomo 48, ano 1950. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1950.

ARGAN, Giulio Carlo. História da arte como história da cidade. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BAGATTI-VALSECCHI, Pier-Fausto. Dangers qui menacent l'integrite des jardins historiques. In. INTERNATIONAL COUNCIL OF MONUMENTS AND SITES (ICOMOS). International Symposium on the

conservation and restoration of gardens of historical interest: 1th General Assembly of the International scientific committee for historic gardens and cultural landscapes. Fontainebleau, France: ICOMOS/IFLA/UNESCO, 1971. p. 42-52.

BARRETO, Maria Helena; CUNHA, Oscar Henrique; SELKLER, Jurema (Orgs.). Jardins Históricos: projeto de restauração de jardins históricos da Fundação Nacional Pró-Memória. Museu da Fundação Casa de Rui Barbosa; Coordenadoria de Proteção ao Patrimônio Natural da Fundação Nacional Pró-Memória, Rio de Janeiro. [S.l.], [198-]. catálogo.

BENCHIMOL, Jaime Larry (Coord.); SOARES, Sandra Branco; ROCHA, Oswaldo Porto; PEREIRA, Andrea Nunes; SANTOS, Fernando Sergio Dumas. Manguinhos: um retrato de corpo inteiro. Rio de Janeiro; Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz; 1988. 677 p.

BENCHIMOL, Jaime Larry. Manguinhos do sonho à vida: a ciência da belle époque. RJ: COC/Fiocruz, 1990.

BORGES, Andréa; SAMPAIO, Andréa. Análise visual urbana do patrimônio histórico e arquitetônico do campus Manguinhos - Fiocruz. Rio de Janeiro: DPH/COC/Fiocruz; LAURD/PROURB/FAU/UFRJ, 2010.

CARNEIRO, Ana Rita; PEREZ, Ramona (Orgs.). Jardins Históricos brasileiros e mexicanos. Recife: UFPE, 2009.

CULLEN, Gordon. Paisagem Urbana. Lisboa: Edições 70, 2006.

CURY, Isabelle (Org.). Cartas patrimoniais. 2.ed. Rio de Janeiro: Edições do Patrimônio - IPHAN/Ministério da Cultura, 2000.

DEL BRENNA, Giovanna R. Ecletismo no Rio de Janeiro (século XIX-XX). In. FABRIS, Anna Teresa (Org.). Ecletismo na arquitetura brasileira. São Paulo: Nobel: EdUSP, 1987. p. 28-66.

DELPHIM, Carlos Fernando de Moura. Intervenções em jardins históricos. Brasília: IPHAN, 2005.

DIAS, Ezequiel. O Instituto Oswaldo Cruz: resumo histórico (1899-1918). Rio de Janeiro: Manguinhos, 1918.

DUARTE, Cláudia Brack. Plano de gestão para o Campo de Santana: subsídios e considerações. 2012. Dissertação (Mestrado em Arquitetura Paisagística) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

FARAH, Ivete; SCHLEE, Mônica Bahia; TARDIN, Raquel (Orgs.). Arquitetura Paisagística contemporânea no Brasil. São Paulo: SENAC, 2010.

GONÇALVES, Eduardo G.; LORENZI, Harri. Morfologia Vegetal. São Paulo: Instituto Plantarum, 2011.

HARDY, Matthew. The venice charter revisited. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2011.

HERITAGE LOTTERY FUND. Conservation plan guidance. London, UK, out. 2012. Disponível em: <<http://www.hlf.org.uk/conservation-plan-guidance>> Acesso: 23 jul. 2015.

HETZEL, Bia; NEGREIROS, Silvia. Glaziou e as raízes do paisagismo no Brasil. Rio de Janeiro: Manati, 2011

INSTITUTO BRASILEIRO DE ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL (IBAM). Plano de Ocupação da área de Preservação do campus Fiocruz Manguinhos. Rio de Janeiro: IBAM; Fiocruz, 2011.

INTERNATION COUNCIL OF MONUMENTS AND SITES (ICOMOS).The Buenos Aires Memorandum on cultural landscapes and historic gardens. Buenos Aires: ICOMOS/IFLA, 2001.

LEENHARDT, Jacques (Org.). Nos jardins de Burle Marx. São Paulo: Perspectiva, 2000.

LYNCH, Kevin. A imagem da cidade. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MACEDO, Silvio Soares; ROBBIA, Fabio. Quadro do paisagismo no Brasil. São Paulo: Universidade de São Paulo (EdUSP), 1999.

\_\_\_\_\_. Paisagem urbana: os espaços livres como elementos de desenho urbano. Caderno Paisagem Paisagens, Bauru, São Paulo, n. 1, p. 7-20, 1996.

MENESES, Ulpinao T. Bezerra de. Comentário XII – Visões, visualizações e usos do passado. In: Anais do Museu Paulista. v. 15, n. 2, jul-dez. 2007, p. 117-123.

MILET, Vera. A teimosia das pedras: um estudo sobre a preservação do patrimônio ambiental do Brasil. Olinda: Prefeitura de Olinda, 1988.

NAIL, Sylvie. The Triumph of Authenticity. The Historic Gardens Foundation. London, UK, mar. 2003. Articles. Disponível em: <<http://www.historicgardens.freeserve.co.uk>> Acesso: 29 mar. 2003.

OLIVEIRA, Benedito Tadeu de. (Coord.); COSTA, Renato da Gama-Rosa; PESSOA, Alexandre José de Souza. Um lugar para a ciência: a formação do campus de Manguinhos. RJ: Editora Fiocruz, 2003. (Coleção História e Saúde).

SALES, John. Conserving Historic Gardens. The Historic Gardens Foundation, London, UK, mar. 2003. Articles. Disponível em: <<http://www.historicgardens.freeserve.co.uk>> Acesso: 29 mar. 2003.

\_\_\_\_\_. The Conservation of English Landscape Gardens of National Trust. In. INTERNATIONAL COUNCIL OF MONUMENTS AND SITES (ICOMOS). Historic Gardens and Sites: 10 th General Assembly of the International scientific committee for historic gardens and cultural landscapes. Colombo, Sri Lanka: ICOMOS/UNESCO, 1993. p. 145-150.

TRINDADE, Jeanne. A restauração do Passeio Público do Rio de Janeiro. In. CARNEIRO, Ana Rita; PEREZ, Ramona (Orgs.). Jardins Históricos brasileiros e mexicanos. Recife: UFPE, 2009. 45-72p.

WATKINS, John; WRIGHT, Thomas. Management and Maintenance of Historic Parks, Gardens and Landscapes: The English Heritage Handbook. London: Frances Lincoln, 2007.